



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEEDU

ANA LUIZA CONRADO DOS SANTOS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO
REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E DOCÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE UMA
ALUNA NEGRA E PERIFÉRICA

MARIANA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEEDU

ANA LUIZA CONRADO DOS SANTOS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E DOCÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE UMA ALUNA
NEGRA E PERIFÉRICA

Memorial de formação apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alexandra Resende Campos

MARIANA

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237r Santos, Ana Luiza Conrado dos.
Reflexões sobre identidade e docência [manuscrito]: a trajetória de
uma aluna negra e periférica. / Ana Luiza Conrado dos Santos. - 2024.
22 f.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Resende Campos.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Formação profissional. 2. Memoriais. 3. Negros - Identidade racial.
4. Periferias. I. Campos, Alexandra Resende. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.04

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinario Vieira Avelar - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Luiza Conrado dos Santos

Memorial de Formação

Reflexões sobre identidade e docência: a trajetória de uma aluna negra e periférica

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia

Aprovada em 14 de outubro de 2024

Membros da banca

Dr.^a Alexandra Resende Campos - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Alexandra Resende Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21 de novembro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Resende Campos, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/11/2024, às 17:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0814089** e o código CRC **839DEDAE**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus que me proporcionou este sonho realizado, e por ter destinado pessoas que foram apoio e força durante este trajeto que são meus pais Antônio Carlos e Maria Cristina, minha irmã Mayara, meu noivo Carlos Henrique e demais familiares que foram essenciais durante este percurso.

Agradeço todas professoras(es) mestres e doutoras(es) pelo conhecimento compartilhado e principalmente a professora Alexandra Campos que fez o diferencial nesta fase final onde mais precisei de apoio no meio acadêmico e ela se fez presente.

Ao refletir sobre o meu processo formativo o sentimento é de gratidão e bênção por conseguir realizar este sonho. E se Deus quiser não irei parar por aqui, pois a vida de um(a) docente é a busca constante por conhecimento.

*“A educação é a arma mais poderosa que você
pode usar para mudar o mundo.”*

(Nelson Mandela)

RESUMO

O memorial traz a abordagem reflexiva sobre o relato de episódios da minha trajetória como aluna negra e periférica desde o ensino fundamental ao ensino superior, articulando sobre diversas práticas docentes que estiveram presentes durante este percurso. Discutindo sobre como estes acontecimentos influenciam tanto para minha identificação pessoal quanto para minha formação acadêmica como futura docente. Conclui ressaltando a importância de visitar tais acontecimentos para reinterpretá-los e melhor compreendê-los diante da influência que tiveram tanto para minha identificação como mulher negra e periférica, quanto para minha formação acadêmica na procura de ser uma profissional comprometida com a educação antirracista e com práticas libertadoras.

Palavra chave: Formação Acadêmica, identidade negra, docência.

ABSTRACT

The memorial brings a reflective approach to the account of episodes of my trajectory as a black and peripheral student from elementary school to higher education, articulating about different teaching practices that were present during this journey. Discussing how these events influence both my personal identification and my academic training as a future teacher. It concludes by highlighting the importance of revisiting such events to reinterpret them and better understand them given the influence they had both on my identification as a black and peripheral woman, and on my academic training in the quest to be a professional committed to anti-racist education and liberating practices.

Keyword: Academic Training, black identity, teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	QUEM SOU EU?	9
3	RESGATANDO MEMÓRIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ENSINO MÉDIO.	10
4	O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR E A REOPÇÃO PARA O CAMINHO DA DOCÊNCIA.	14
4.1	Direcionando o olhar para minha identificação como mulher negra e futura docente..	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20

1 INTRODUÇÃO

Este presente trabalho está interligado a uma proposta de atividade elaborada e apresentada no primeiro período do curso de Pedagogia, por intermédio das disciplinas EDU 415 - Profissão, Gênero e Condição Docente e EDU 252 - Estudos Históricos sobre Educação. A atividade tratava-se da elaboração de um memorial formativo, em que o aluno apresentaria um pouco da sua história e os caminhos percorridos até o ingresso no curso de Pedagogia. O objetivo era proporcionar a reflexão sobre a diversidade de experiências vivenciadas pelos discentes e iniciar o processo de identificação profissional.

Com o decorrer do curso foi possível perceber a importância deste trabalho no início da graduação, de modo particular, é perceptível que busquei a todo o momento, temáticas de identificação partindo das experiências que relatei no primeiro memorial. O que mudou da primeira versão para o atual estudo é a ressignificação de tais acontecimentos, além do questionamento de como esses episódios influenciaram a minha identificação pessoal como mulher negra, juntamente com a minha trajetória acadêmica. O presente memorial tem como objetivo apresentar experiências que considero importantes para minha identificação como mulher negra e também para minha formação docente, discutindo também memórias das ações de professores (as) que estiveram presentes em minha trajetória e como interferiram em minha formação acadêmica.

De acordo com Prado e Soligo (2007), um memorial trata de uma escrita de memórias, de tal modo que podemos compreendê-lo como instrumento cuja finalidade é lembrar algo. Deste modo, entende-se que o memorial, do ponto de vista acadêmico, é um material com ampla bagagem reflexiva capaz de resgatar lembranças e /ou acontecimentos que possibilitam uma discussão crítica e aprofundada sobre o tema. Em concordância disto, este trabalho se faz relevante porque me proporcionou revisitar o meu passado, buscando entender como a minha trajetória como aluna negra e periférica, refletiram no meu processo formativo e nos meus objetivos futuros como docente.

A metodologia adotada neste trabalho é a autobiografia, com abordagem reflexiva a partir da descrição de acontecimentos selecionados por serem considerados importantes e relevantes no meu processo de identificação pessoal e na minha formação acadêmica. Com base nisto entende-se que:

[...] a abordagem autorreflexiva, com maior carga subjetiva, assinalaria o desenvolvimento de sensibilidades, habilidades e competências para uma melhor compreensão de si e do outro, de modo que a compreensão de quem se é passa pela percepção de como se tornou o que é e quais seriam as outras possibilidades de vir-a-ser, da mesma maneira que referencia o narrador em relação ao outro em seu passado lembrado, presente vivido e futuro projetado. (SILVA, 2016, p.53)

Fundamentando no pensamento de Silva (2016), cabe ressaltar que este trabalho é resultado de um passado de lutas do movimento negro por intermédio de políticas afirmativas, como a implementação de cotas raciais em universidades. Não somente, mas o movimento negro exerce um papel crucial na luta por justiça racial e social, enfatizando a necessidade de políticas públicas e afirmativas buscando garantir direitos equitativos. Busca educar a sociedade pontuando sobre desigualdade racial e as suas consequências, racismo, discriminação e inclusão. Além disso, enfatiza a importância da valorização da cultura negra, da história e das contribuições da população negra para a sociedade, ajudando a construir uma identidade coletiva e um senso de pertencimento. Brito e Nascimento (2013) afirmam que:

[...] o movimento negro fez ecoar aos quatro cantos do país, dando visibilidade às múltiplas esferas do cotidiano da comunidade negra – cotidiano este marcado pelo racismo, pela discriminação racial, pelo preconceito, pela violência e pelas desigualdades econômicas e sociais. O movimento negro neste processo constante de afirmações da sua identidade política, tornou-se sujeito da sua própria história, exigindo do seu estado brasileiro a implementação de políticas de ação afirmativas de combate ao racismo. (BRITO; NASCIMENTO, 2013, p.19)

Juntamente a isto, este memorial também se articula com as reflexões de autores, como Cavalleiro (2012), Hooks (2013), Almeida (2020) entre outros. Por se tratar de uma análise pessoal que contém, essencialmente, experiências de vida de uma mulher negra e periférica, entende-se que as contribuições teóricas dos autores apresentados foram essenciais para reflexões presentes neste trabalho.

Em relação ao memorial, o mesmo está organizado em três momentos: 1) “Quem sou eu?”, tópico no qual será apresentado o contexto familiar no qual estou inserida; 2) “Resgatando memórias do Ensino Fundamental ao Ensino Médio”, momento voltado para minha trajetória escolar como aluna de escola pública e minhas memórias com professores da época; 3) “O ingresso no Ensino Superior e a Reopção para o caminho da docência”, onde menciono o caminho percorrido destacando episódios que auxiliaram em tomadas de decisões e 5) “Considerações finais”, ponto em que conclui-se conceitualmente as observações feitas durante todo o estudo.

2 QUEM SOU EU?

Meu nome é Ana Luiza Conrado dos Santos, tenho 27 anos, sou nascida na cidade de Mariana (MG) e criada na cidade de Ouro Preto (MG). Sou filha caçula, fruto do casamento entre o carpinteiro Antônio Carlos e a auxiliar de limpeza Maria Cristina, pessoas simples, mas que se empenharam e apoiaram os meus estudos.

Meus pais não tiveram muitas oportunidades para estudarem. Meu pai começou a trabalhar desde os sete anos de idade, não concluindo o Ensino Fundamental II. Já a minha mãe, atualmente com 58 anos de idade, não concluiu o Ensino Médio e não deu continuidade aos estudos. Minha única irmã, com 31 anos de idade, concluiu o Ensino Médio e, embora meus pais tenham incentivado os nossos estudos, ela não deu continuidade até o momento. Importa evidenciar que pertencemos a um núcleo familiar numeroso, tanto da família paterna quanto na família materna, sou a terceira a ingressar em um curso superior. Em minha família paterna, tenho dois primos que são irmãos, e ingressaram no ensino superior. O primo mais velho, ingressou no curso de Música em meados do ano de 2013, na Universidade Federal de Ouro Preto e atualmente trabalha como músico. O segundo, que é mais novo, ingressou no curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Federal de Viçosa. Atualmente trabalha na rede municipal de Mariana (MG) com professor do Ensino Fundamental I e está na fase final do Doutorado. Já em minha família materna, todos passaram pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP o primeiro primo a ingressar no ensino superior foi no curso de Artes Cênicas. Já minha prima, ingressou em Arquitetura e Urbanismo, formou em 2022 e atualmente trabalha em sua área de atuação. Posterior ao meu ingresso no ensino superior, há duas primas que são universitárias da UFOP, uma no curso de Museologia e a outra de Administração.

Desde pequena, minha brincadeira favorita era “escolinha”. Após meus pais presentear-me com um quadro e giz, eu passava várias manhãs brincando de professora junto às minhas bonecas. Ao longo do tempo, a ideia de seguir no caminho da docência foi se enfraquecendo e acredito que parte desse enfraquecimento deve-se à atual conjuntura de nossa sociedade, na qual determinadas profissões, apesar de importantes e essenciais, não possuem o mesmo prestígio, financiamento e reconhecimento de tantas outras, seja na questão salarial, política e até mesmo social.

Além dessa extrema diferença existente entre profissões, também convém mencionar

que o fator no qual envolve classe social, raça e gênero provoca a existência de um abismo social ainda maior, no qual, o topo da pirâmide é ocupado majoritariamente por homens brancos enquanto a base é destinada às mulheres negras.

Baseando em dados de 2016 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Ribeiro (2020) menciona que

39,6% das mulheres negras estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%). Ainda segundo a pesquisa, mulheres negras eram o maior contingente de pessoas desempregadas e no trabalho doméstico. (RIBEIRO, 2020, p.40).

Assumindo a análise feita por Ribeiro (2020) e refletindo sobre a estrutura social na qual cresci e permaneço inserida, acredito que ao chegar na adolescência o motivo de existir tantas dúvidas para escolher um caminho também parte do papel estereotipado da mulher negra na sociedade, especialmente na sociedade brasileira, visto que, em relação aos demais grupos, essa camada é a que mais enfrenta dificuldades de ascensão social, política e econômica.

Atualmente, devido às políticas de ação afirmativa, encontro-me como graduanda do curso de Pedagogia. Importa evidenciar que o presente *status* não se encaixa aos discursos da meritocracia e do individualismo, mas sim, trata-se de um resultado gerado pela luta dos meus pais, da minha luta pessoal e das conquistas do movimento negro e trabalhadores em espaços que também são seus por direito. A vaga que ocupo na universidade e em diversos outros espaços é fruto de uma coletividade direta e indireta.

3 RESGATANDO MEMÓRIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL AO ENSINO MÉDIO.

No meu tempo de criança, era muito comum os pais matricularem seus filhos diretamente no Ensino Fundamental, abstendo-se da Educação Infantil e esse foi o meu caso. Fui matriculada em uma escola periférica, de rede municipal que atendia crianças do Ensino Fundamental I, além disso, era em sua maioria composta por alunos negros. No primeiro ano, lembro-me que era uma aluna extremamente comunicativa e envolvida com as demandas escolares. Ao terminar minhas atividades me sentava junto de um colega de sala para ajudá-lo

com as tarefas. Este cenário se repetia também quando se tratava de peças de teatro e/ ou apresentações abertas para os pais.

Em uma das peças teatrais planejadas pelas professoras, havia um papel principal em que a personagem era uma formiguinha e exigia da criança uma boa memória e desenvoltura para tal, pois se tratava de uma personagem com muitas falas. A minha professora mencionou a hipótese de o papel principal ser interpretado por mim, porém a pedagoga da escola não aceitou a sugestão. Segundo ela seria melhor eu interpretar outro personagem, que seria uma flor, compondo o cenário da peça sem nenhuma fala. Enquanto o papel principal, em sua opinião encaixaria melhor para outra aluna, sendo ela de pele branca e olho azul pertencente à outra turma.

Foram realizados alguns ensaios e a aluna indicada pela pedagoga tinha muita dificuldade para desenvolver o personagem e também para decorar suas falas. Paralelo a isso, a minha professora juntamente com sua colega de trabalho ensaiou há cerca de três semanas a peça comigo sendo o papel principal e, diante disso, lembro que na minha mente eu já estava decidida que faria tal personagem. Faltando dias para a apresentação, as duas professoras responsáveis alegaram que a aluna indicada pela pedagoga não estava conseguindo decorar as falas e, desta forma, era de preferência de ambas que eu fizesse a personagem. Por fim, a pedagoga exigiu uma espécie de teste entre nós duas para decidir quem ficaria com o papel. E após o teste, foi decidido que seria eu a personagem principal. Sentia-me extremamente feliz e realizada. Naquela época lembro-me que eu era conhecida por todos da escola como a “formiguinha” depois de apresentar a peça teatral.

Embora as professoras e a pedagoga tenham conversado diante de nós alunos, destaco aqui um detalhe deste ocorrido que descobri cerca de quinze anos depois. Eu nunca perdi o contato com as duas professoras citadas acima, por serem conhecidas da minha família há alguns anos. Em um dos nossos encontros por acaso e durante uma conversa relembro o passado, uma delas explicou o real motivo da resistência da pedagoga. Por eu ser negra e não ser considerada tão bonita na percepção da pedagoga, a sua preferência era por outra aluna “mais bonita” que era branca dos olhos azuis para que ocupasse o papel principal da peça. Ressalto aqui que este episódio me marcou de forma positiva inicialmente, pois adorava participar e apresentar peças teatrais, mas tudo mudou depois de entender que se tratava de racismo. Destaco, e me coloco como exemplo vivo, que desde muito cedo crianças negras são desafiadas pela sociedade, que por sua vez está repleta de condutas e práticas que levam ao racismo, etarismo, capacitismo e outros. Além do mais, convém ainda mencionar que ações

dessa natureza estão presentes em diversos ambientes, inclusive no próprio ambiente escolar.

Ao saber desse ocorrido me senti em “choque”, contudo, sabemos que episódios de racismo não são casos isolados no contexto social contemporâneo, mas sim, frutos de uma estrutura social na qual as pessoas não brancas são discriminadas somente pelo fato de terem um tom de pele mais escuro, traços, crenças ou costumes diferentes ao convencional que, normalmente, tem como base uma característica eurocêntrica. Em outras palavras, estamos diante de um racismo estrutural enraizado em nossa cultura que de acordo com Almeida (2020, p.50).

[...] é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.

Em concordância a isto, as reflexões de Brito e Nascimento (2013) destacam sobre as vivências cotidianas de crianças com o racismo no ambiente escolar. Ainda salientam que geralmente meninas e meninos negros não conseguem compreender, ainda ao certo, o que estava acontecendo por não ter a consciência de si diante das práticas da sociedade.

Ao me formar no Ensino Fundamental I, mudei para outra escola que atendia alunos até o Ensino Fundamental II, era também uma escola periférica, de rede municipal e majoritariamente de alunos negros. Lembro-me que considerava um novo e grande desafio, era tudo diferente, outra rotina, pois estudava no turno da manhã, teria novos professores, enfim, tudo mudou, principalmente a sensação que eu estava crescendo. Apesar da grande mudança, eu seguia tranquilamente com a mesma personalidade em ser agitada e ativa com as atividades propostas pela escola.

No segundo ano em que estava nesta nova escola, na 6^o série¹ laranja (nesta escola dividiam as turmas por cor), houve um grande incêndio no Parque Estadual do Itacolomi² que deixou todos muito agitados, pois, a maioria das crianças da escola morava em bairros vizinhos do parque. Neste dia eu e uma amiga, que também é negra de pele retinta, viramos alvos de falas racistas disfarçadas de brincadeiras propagadas por um grupo de alunos brancos da mesma classe em que estávamos. Eles diziam para toda a turma que eu e minha amiga éramos “daquela cor” porque estávamos no incêndio e fomos queimadas. Nunca me esqueci

¹ Atualmente a 6^o série é reconhecida como 7^o ano.

² Unidade de conservação situada nas cidades de Ouro Preto e Mariana.

daquele dia. Chorei muito e juntamente à minha amiga decidimos falar com o professor que iria dar início à sua aula de matemática. Fomos ao então professor e dissemos que havia alguns alunos “rindo” e debochando de nós, e extremamente nervoso ele respondeu que “era para parar com a bagunça porque precisava dar sua aula”. Diante disso, fiquei quieta o restante da aula e, ao chegar em minha casa, contei tudo para minha mãe. No dia seguinte, ela extremamente nervosa foi à escola. Ao chegar, ela foi conversar com o diretor da instituição e eu fui para minha aula. Lembro-me que estávamos na aula do mesmo professor do dia anterior. Após conversar com minha mãe, o diretor foi para minha sala para dar o “sermão” em toda turma. Em seu discurso ele dizia frases como “não quero mais falar sobre o assunto”, “que tais atitudes como esta não deveria repetir” e “o assunto estava encerrado”.

Não tinha consciência da situação na época. Lembro-me que me sentia muito mal, chorava muito, e após este ocorrido eu e minha amiga nos tornamos alvos constantes dos insultos racistas dos meninos. Ouvimos coisas como “feias”, “cabelo duro” e tantas outras mais. Desde então mudei minha postura, buscando invisibilidade para não ser mais lembrada por eles e, assim, fui até a formatura.

É válido ressaltar que não fui criada em uma família que tinha o diálogo sobre relações étnico-raciais, mesmo após esse episódio não tinha consciência de que se tratava de racismo. Porém, somente mais tarde, na graduação que busquei entender melhor sobre o assunto e consegui compreender que o professor e o diretor não sabiam ou não queriam enfrentar a situação, optando por silenciar o que de fato aconteceu, exigindo que não falássemos mais sobre o assunto. Este episódio deixa claro a postura da escola de silenciar determinados assuntos considerados polêmicos como este. De acordo com a estudiosa Cavalleiro (2012), em uma das suas pesquisas que dão ênfase na ausência do debate, optando pelo silêncio. Em uma de suas reflexões a pesquisadora afirma que

O silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior escolar. De modo silencioso ocorrem situações, no espaço escolar, que podem influenciar a socialização da criança, mostrando-lhes diferentes lugares para pessoas brancas e negras. (CAVALLEIRO, 2012, p.98)

Ressalto que este ocorrido foi sete anos após a implementação da Lei nº 10.639/03³,

³BRASIL. Lei nº 10.639/03, de 3 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a

com isto, é visível o silenciamento da escola, evidenciando que não utilizam o espaço como deveria ser, ou seja, aberto a tais debates e socialização. Nesse sentido, evidencia-se que, nesses espaços, priorizam a restrição de determinados assuntos considerados “problemáticos” ao invés de discutir e procurar desconstruir ações e visões dessa natureza que corroem as relações sociais, prejudicam o desenvolvimento individual, especialmente das vítimas, enfraquecem a credibilidade das instituições e contribuem para o avanço de um modelo de sociedade cada vez mais segregacionista.

Ao concluir o Ensino Fundamental II, entrei em outra escola para cursar o Ensino Médio, localizada na área central de Ouro Preto, pertencente à rede estadual de ensino, que atendia majoritariamente alunos periféricos. Lembro que o meu sentimento era que eu estava em um “mar de opções” sobre as perspectivas do futuro. Eu não sabia ao certo qual caminho seguir, ou seja, vivia em uma frequente indecisão, mas sabia que não queria trabalhar apenas por um bom retorno financeiro, mas com algo que de fato tivesse interesse. Tinha o sonho de ter o meu próprio empreendimento, mas tinha muitas dúvidas com relação a minha realidade e a indecisão de o que deveria seguir.

Contudo, acredito que essa nuvem de incertezas permitiu que eu me adentrasse em diversos cursos. Ingressei em 2013 no curso técnico em Mecânica Industrial, ofertado pela instituição de Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), era no turno da tarde, enquanto isso cursava o Ensino Médio no turno da manhã, e por cerca de um ano e cinco meses vivi nesta rotina de estudar o dia inteiro. Concluí o Ensino Médio em 2014 e o curso técnico em 2015. Em 2016 ingressei em um curso noturno -Técnico em Meio Ambiente, no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) e concluí no início de 2018. Somente no segundo semestre de 2018, ou seja, após quatro anos de minha formatura no Ensino Médio, consegui ingressar no ensino superior na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

4 O INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR E A REOPÇÃO PARA O CAMINHO DA DOCÊNCIA.

As duas áreas em que tinha maior interesse era a educação e em segundo lugar a área financeira. Desde 2014 eu realizava o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Todas as

vezes me candidatava para o curso de Pedagogia, mas sempre ficava próximo de conseguir e nada mais. Em 2018, pensei diferente, por estar cansada de tantas tentativas sem sucesso, dei a chance para minha segunda opção, pesquisei sobre o curso de Ciências Econômicas que despertou um grande interesse. A partir disso, me candidatei para o curso, e ingressei na primeira tentativa do segundo semestre de 2018.

Ao iniciar o curso de exatas recordo-me que não sentia o tal pertencimento daquele local desde o primeiro mês de aula. Não me sentia bem, mas achava que era o processo da adaptação. Atualmente refletindo sobre esse período entendo que me sentia fora da minha realidade, pois era um curso majoritariamente de brancos, que seriam herdeiros de empresas e/ou de imóveis. Suas conversas remetiam a viagens para o exterior e/ou qual seria a próxima festa que iriam juntos. E eu não pertencia a este mundo, não era herdeira e nunca viajei para o exterior, ou seja, éramos de realidades distintas.

Na tentativa de me engajar no curso, participei do processo seletivo da empresa júnior Consecon Jr⁴ Curso. O objetivo desta empresa era formar empreendedores capacitados para solucionar problemas financeiros dos clientes, proporcionando ao aluno uma vivência empresarial. Ineri-me como trainee no setor de projetos onde tínhamos contato direto com o cliente, pontuando para o cliente a possível causa da instabilidade financeira da empresa e apresentando uma possível estratégia como solução. No tempo em que permaneci que foi equivalente a um período, sinto que a visibilidade mudou. Naquela época adquiri uma espécie de “status” entre os alunos, me tornando uma das referências da empresa, ganhei ainda mais espaço para ter acesso aos professores.

Ao iniciar o segundo período da graduação de Ciências Econômicas estava cursando disciplinas com os dois únicos docentes negros do curso, uma professora e um professor. Comecei a conversar mais com ele e com ela, acredito que seja por identificação, pelo fato de ambos serem negros, e por terem feito eu me sentir acolhida. Na época eu estava angustiada por não conseguir conciliar todas as minhas demandas acadêmicas, e também a indecisão se estaria seguindo o caminho certo. Ao perceber isso minha professora chamou para uma conversa, procurando entender todo o contexto em que estava envolvida e me senti acolhida ao saber que ela entendia o que estava passando.

⁴ Maiores informações sobre esta empresa encontram-se em: <https://ufop.br/noticias/empresas-juniores/consecon-jr-economia-na-pratica>

Com o outro professor era a mesma sintonia, eu pedia conselhos e ele sempre muito compreensivo e ótimo ouvinte. Conversávamos sempre no final das aulas, falávamos muito sobre identidade negra e eles apresentavam também series e filmes como “*Malcom X*”, recomendavam texto e livros de autores negros como Djamila Ribeiro e a sua obra “*Quem tem medo do feminismo negro?*”, livro este que em que tive grande identificação. Esse contato com os professores negros contribuiu para a construção e o reconhecimento da minha identidade negra. Eles se tornaram inspiração. Com eles, apesar de difícil, entendi que eu poderia realizar meus sonhos. Diante desse processo de reconhecimento da minha identificação como mulher negra e periférica, iniciei a minha transição capilar com total apoio da professora que também tinha passado por esse momento.

Ao seguir com os trabalhos da empresa júnior, não consegui visualizar um futuro atuando na área. Ao fim de uma das aulas do professor negro, conversei sobre a minha vontade de desistir do curso e o sentimento que estava no caminho errado, comentei também sobre a minha primeira opção de curso, sendo ela: a Pedagogia. O professor apresentou a modalidade de reopção de curso⁵ e disse que também acreditava que eu tinha afinidade com a área da docência, pois ele estava me observando em suas aulas. Posterior a isto, no mesmo dia, conversei com a outra professora. Lembro-me que ela lamentou a minha saída do curso, mas acreditava que eu estava me encontrando. Além de receber o seu apoio, me ajudou a realizar a inscrição para a reopção de curso. Passaram-se semanas e dei continuidade no curso, e em meados de julho saiu o resultado, e me tornei oficialmente discente do curso de Pedagogia.

Enfatizo as atitudes dos professores universitários do curso de Ciências Econômicas. Por diversas vezes, promoviam aulas com conversas extremamente envolventes, partindo do conhecimento prévio do estudante. Tais atitudes entrelaçam com as ideias de Hooks (2013) ao dizer que

A educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informações, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo. (HOOKS, 2013, p. 25).

⁵ Disponível em: <https://escolha.ufop.br/como-ser-aluno-da-ufop/reingresso-transferencia-obtencao-de-novo-titulo-e-reopcao-de-curso>

Em concordância à concepção de Hooks (2013), acredito que as atitudes de tais professores universitários me auxiliaram para ir ao encontro do meu caminho com a docência. Além do mais, a influência que tiveram no meu processo de identificação pessoal como mulher negra, partindo de conversas e indicações de textos, foram aflorando o meu interesse no assunto. Praticando a abordagem de aprendizagem que identifica a singularidade de cada aluno, aumentando o engajamento de suas aulas. Reforçando este aspecto, Hooks (2013) destaca que

Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente. (HOOKS, 2013, p. 25)

De maneira resumida os dois professores tornaram mais leve minha trajetória, Apesar de curta, referente a esses dois períodos (um ano de curso) considero relevante e de grande valor afetivo, pois minha convivência com eles foi de extrema importância para o meu pertencimento étnico-racial.

4.1 Direcionando o olhar para minha identificação como mulher negra e futura docente.

Em agosto de 2019, iniciei o curso de Pedagogia, lembro-me que estava extremamente feliz, mas estava sendo um período desafiador e de muitas mudanças. Prestes a concluir o curso de Pedagogia e observando minha trajetória, é possível perceber que de maneira leve as maiorias das atividades acadêmicas que realizei estavam relacionadas à questão étnico-racial e/ou uma educação inclusiva e libertadora. Destacarei aqui os pontos mais marcantes da minha trajetória no curso de Pedagogia.

Logo no primeiro período cabe destacar o meu memorial. Por proposta da disciplina, elaborei um memorial que apresentava a minha trajetória até aquele atual momento. E relembrei no trabalho situações de racismo, as dificuldades no meio familiar que tive até chegar ao ensino superior. Neste trabalho também reforcei a importância dos professores do curso de Ciências Econômicas que auxiliaram no meu processo de identificação de uma mulher negra, periférica e futura docente.

Em 2020, período marcado pela pandemia da Covid-19⁶, participei como voluntária do projeto de extensão, juntamente com o coordenador Adilson Santos e outros alunos, “Cotas pra quê (m)?”. O projeto tratava de um curso online em que falávamos das leis de cotas e sua aplicação, inicialmente tendo como público alvo as escolas da região de Ouro Preto e Mariana (MG). Como aluna cotista, foi um curso de muita relevância, pois me proporcionou múltipla experiência como ouvinte e como um exemplo vivo das cotas. Algo a se destacar é que nesta mesma época finalizei o processo de transição capilar, assumindo o meu cabelo natural, que foi mais um processo individual com diversas transformações internas, mudanças de percepções, não se tratando apenas de estéticas. O processo teve início em 2019 e realizei o corte no fim do primeiro semestre de 2020.

No mesmo ano, me tornei integrante também do Programa de Educação Tutorial (PET)⁷, lá iniciei no setor de comunicação. Tínhamos responsabilidades e uma delas era a elaboração de publicações. No meu primeiro ano como petiana, o que me marcou foi a elaboração da minha primeira postagem, sobre o dia 20 de novembro, o dia da consciência negra. Ainda no PET, abstendo-me das pesquisas internas do programa, iniciei como bolsista da pesquisa “Literatura infantil: Obras de acervos escolares que potencializam a valorização da identidade e autoestima das crianças negras no município de Mariana (MG)”, tendo como orientadora a Professora Cristina Carla Sacramento. O estudo tinha como objetivo realizar um levantamento de livros direcionados à Educação Infantil que tinham como abordagem as relações étnico-raciais em escolas. O trabalho teve duração de um ano, e também um trabalho enriquecedor, por me propor com clareza a importância da temática desde a Educação infantil. O estudo foi apresentado no XXXI Seminário de Iniciação Científica do XV Encontro dos saberes da UFOP, recebendo o prêmio de menção honrosa entre os trabalhos da área de Ciências Humanas, Letras e Artes.

A disciplina EDU 166 “Estágio Supervisionado IV: Diversificação de experiências” proporciona ao aluno buscar maneiras de diversificar vivências fora do espaço escolar. Escolhi o Centro de Referências de Assistência Social (CRAS) do bairro São Cristóvão em Ouro Preto. Deparei-me com um cenário em que os usuários eram majoritariamente negros (as). A pedagoga proporcionou que eu realizasse uma intervenção no grupo de mulheres em que se trabalhava o pertencimento e fortalecimento de vínculos. Este grupo era composto por mulheres negras, com idades que variam entre 18 e 74 anos, e algo em comum era que todas

⁶ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>.

⁷ Disponível em: <https://www.prograd.ufop.br/%3Cnolink%3E/pet-programa-de-educacao-tutorial>.

sofreram algum tipo de abuso, seja abuso sexual, emocional, patrimonial dentre outros. Como intervenção trabalhei o empoderamento feminino, juntamente com a Psicóloga e Mestre em Educação Lidiane Maria, que é uma mulher preta, periférica e também moradora do bairro São Cristóvão.

Com base nisso, fica evidente a importância do ensino superior proporcionar tais debates. Cursei disciplinas que, de modo particular, abordaram a temática étnico-racial. A primeira disciplina que destaquei foi quando eu estava no quarto período, era a MIF 125 “Educação Intercultural”. Apesar de serem aulas remotas, foi uma disciplina de grandes contribuições. Como trabalho final, apresentei junto a um grupo, também de mulheres negras, a cultura das tranças e suas ancestralidades. Ao realizarmos debate entre os demais colegas, percebi que algumas informações apresentadas eram novidades.

Outra disciplina que cursei e enfatizo como importante é a EDU 164 “Currículo: Teoria e Prática”. Nesta disciplina havia seminários com diversas temáticas de extrema importância para serem tratadas em ambiente escolar. Dentre elas, mais uma vez escolhi Currículo e a relações étnico-raciais. Neste trabalho apresentamos a importância da Lei 10.639/03 e destacamos a sua importância desde a educação infantil ao ensino superior. Analisamos também a matriz curricular de alguns cursos de licenciaturas com o intuito de investigar a temática étnico-racial nas disciplinas obrigatórias. Ficou evidente também a ausência da discussão étnico-racial em ambientes de ensino superior, espaço de extrema importância para trabalhar a diversidade.

Com base nisso, atualmente prestes a concluir e a refletir sobre o meu processo de formação, a minha trajetória acadêmica caminhou junto com a minha identificação como mulher negra. Percorri um caminho de encontro com as relações étnico-raciais e com o presente trabalho foi possível destacar a importância do comprometimento. Neste caso, como educadora, com o propósito de me comprometer a exercer uma educação antirracista, entendendo que:

Educação antirracista refere-se a uma vasta variedade de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial e para eliminar formas de discriminação e opressão, tanto individual como institucional. Essas reformas envolvem uma avaliação tanto do currículo oculto como do currículo formal. (TROYNA, CARRINGTON 1990, *apud* FERREIRA, 2012, p.02)

Para além do espaço escolar, de modo particular, me incentivou a reflexão crítica

sobre racismo sistêmico e estrutural, mas também a promover a valorização da diversidade cultural e étnica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da minha formação em Pedagogia me proporcionou vários desafios e grandes mudanças, de tal modo que auxiliou meu reconhecimento como mulher negra e o lugar que ocupo diante a sociedade. A experiência vivenciada em espaço acadêmico viabilizou adquirir conhecimentos e princípios de uma educação antirracista. Possibilitando revisitar o meu passado, de aluna negra e periférica, com uma visão mais aguçada, e reinterpretá-lo buscando entendimento e aprendizado da influência dos acontecimentos com o meu processo formativo.

Atualmente, na fase final do curso, é possível visualizar e refletir sobre a importância de cada atividade realizada durante a graduação. Fase de intensa busca por conhecimento, aprimorando pensamentos e me conscientizando dos deveres exigidos pela profissão. A minha caminhada acadêmica me motivou a atuar profissionalmente oferecendo uma educação de qualidade, antirracista e com práticas libertadoras.

Ao refletir todos esses episódios, evidencia-se que o curso de Pedagogia de uma maneira muito leve foi como o pássaro “Sankofa”. Segundo a revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana (2013) o então símbolo concentra uma mensagem esboçada na figura de um pássaro mítico que voa para frente, mas a cabeça está voltada para trás, carregando o ovo que simboliza o futuro, ou seja, a sabedoria de aprender com o passado para entender o presente e assim, moldar o futuro. Assim como o pássaro sankofa, considero que neste trabalho volto no meu passado redefinindo e aprendendo no presente para moldar o meu futuro pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. 264 p. ISBN 978-85-98349-74-9.

BRITO, Benilda; NACIMENTO, Valdecir (org.). **Negras (in)confidências: Bullying não. Isto é racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 128 p. ISBN 978-85-7160-623-4.

BRASIL. **Lei nº 10.639/03, de 3 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. [S. l.], 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 3 set. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos *et al.* **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. rev. São Paulo: Contexto, 2012. 111 p. v. 15. ISBN 978-85-7244-147-6. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/2000>. Acesso em: 24 set. 2024. Acesso em: 13 ago. 2024.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. **Revista de Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 276-288, 2012. DOI 10.29286/rep.v21i46.408. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/2012-UFMT-revista-educacao-publica-educacao-antirracista-Ferreira.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 7 jan. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. v. 21. ISBN 978-85-7827-703-1. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1M1Admf9Ew058DtQ4kAvomcJqb0ueQvat/view>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história de formação. *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história: revelações – subversões – superações**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007. v. 1, cap. 2, p. 45 - 60. ISBN 978-85-75162019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. 112 p. ISBN 978-85-98349-68-8.

SANKOFA - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana/Núcleo de Estudos de África, Colonialidade e Cultura Política – Número XII, Ano VI, Dezembro. São Paulo, NEACP, 2013.

SILVA, Wilton Carlos Lima. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. **Métis: história & cultura**, [s. l.], v. 15, n. 30, p. 44 - 67, 2016.